

AS PRINCIPAIS VARIÁVEIS ANALISADAS PARA A ESCOLHA DE UM MÉTODO DE ABORDAGEM NO ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO

Diego Luiz dos Reis⁶⁴

Renata Andrea Fernandes Fantacini⁶⁵

Resumo

O trabalho apresenta uma enumeração das principais experiências fundantes dos grandes métodos de aconselhamentos filosóficos, seguidas de suas análises, a fim de mostrar verdadeiros rastros da escolha da abordagem metodológica a ser prioridade no aconselhamento de um cliente diante de seus problemas. Mais ainda, dentre os métodos que um conselheiro possui em seu ferramental, conhecer as variáveis que deve observar no discurso e no cliente para a escolha do método correto de abordagem, como sendo um verdadeiro tesouro para o sucesso da técnica escolhida. São abordados: A maiêutica, o método cartesiano, dialética hegeliana; Albert Ellis e a Rational Emotive Therapy; o Diálogo Socrático de Leonard Nelson; Logic Based Therapy de Elliot Cohen; o método PEACE de Lou Marinoff; o aconselhamento para casais de

64 Licenciado em Filosofia (2015) pelo Claretiano Centro Universitário e especialista em Aconselhamento Filosófico (2019) pela mesma instituição. E-mail: diegojmjreis@gmail.com

65 Licenciada em Pedagogia, com habilitação em Educação Especial: Deficiência Intelectual (UNIFRAN -2001). Dentre outras especializações, possui Especialização em Educação Especial pela Universidade de Franca – SP (UNIFRAN – 2002) e Especialização em Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Perspectiva da Educação Inclusiva pela UNESP – Marília – SP (UNESP – 2012). Mestrado em Educação pelo Centro Universitário Moura Lacerda (CUMIL – 2013); Doutorado em Educação Especial, pelo Programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (PPGEES – UFSCar – 2017). E-mail: renatafantacini@claretiano.edu.br

Annet Prins-Bakker; e o Método de Quatro Estágios, de Bruno Raabe. São analisados os casos das experiências fundantes desses métodos para evidenciar os aspectos lógicos, emocionais, dedutivos, indutivos e intuitivos que fazem com que uma abordagem de certo método diante de certo cliente possa ter mais ou menos sucesso e conclua-se por ser de extrema importância a tese do encontro da personalidade do aconselhador com a personalidade do aconselhado como elemento chave do sucesso do aconselhamento.

Palavras-Chave: Aconselhamento Filosófico; Métodos de Aconselhamento; e Personalidade Humana.

Abstract

The work presents an enumeration of the main founding experiences of the great philosophical counseling methods, followed by their analysis, in order to show true traces of the choice of the methodological approach to be a priority in advising a client in the face of his problems. Furthermore, among the methods that a counselor has in his tooling, to know the variables that must be observed in the speech and in the client to choose the correct approach method, as being a real treasure for the success of the chosen technique. They are addressed: Maieutics, the Cartesian method, Hegelian dialectic; Albert Ellis and Rational Emotive Therapy; Leonard Nelson's Socratic Dialogue; Logic Based Therapy by Elliot Cohen; Lou Marinoff's PEACE method; counseling for Annet Prins-Bakker couples; and the Four Stage Method, by Bruno Raabe. The cases of the founding experiences of these methods are analyzed in order to highlight the logical, emotional, deductive, inductive and intuitive aspects that make an approach of a certain method to a certain client more or less successful and conclude that the thesis is extremely important. the meeting of the personality of the counselor with the personality of the counselee as a key element of the success of counseling.

Key words: Philosophical Counseling; Counseling Methods; and Human Personality.

Introdução

Ao longo da história, o surgimento dos métodos de investigação filosófica para um acurado caminho de encontro com a verdade foi uma experiência real e acidental do cotidiano. A partir dessa constatação, a reprodução desses caminhos tem se consolidado como verdadeiros métodos de abordagem de problemas filosóficos, ou seja, em cada experiência fundante de um método, uma variante específica, ou algumas variantes, podem caracterizar verdadeiros rastros de onde se depreendem que para certos casos, certas abordagens têm maior chance de funcionar pela própria mostra da história.

Diante desse panorama, a enumeração das principais experiências fundantes dos grandes métodos de aconselhamentos filosóficos, seguidas de suas análises, podem mostrar verdadeiros rastros da escolha da abordagem metodológica a ser prioridade no aconselhamento de um cliente diante de seus problemas.

É o otimismo nesse empreendimento que impulsiona a procura de um método que possa trazer consigo as características eminentemente filosóficas que permitam que se crie a relação de diálogo entre aconselhador e cliente, tal como proposta nos fundamentos do aconselhamento filosófico. Mais ainda, dentre os métodos que um conselheiro possui em seu ferramental, conhecer as variáveis que deve observar no discurso e no cliente para a escolha do método correto de abordagem é um verdadeiro tesouro para o sucesso da técnica escolhida.

O contexto do aconselhamento filosófico e seus objetivos têm as características inatas de expor suas necessidades e intenções, ou seja, busca-se possuir ferramentas para abordar um cliente e realizar o serviço que ele deseja. Para esse fim, faz-se mister a escolha acertada de um método pelo conselheiro. Aqui está a grande necessidade de responder à pergunta: quais variáveis devem-se observar no cliente e em seu discurso, para, acertadamente, poder abordar a questão e ter um saldo positivo? Ou é justo utilizar de tentativa e erro exaustivamente? Com certa facilidade se justifica o empreendimento que ora se propõe. Expandir o cabedal de métodos e seus casos específicos de utilização diante de certos diagnósticos, pode consolidar a eficácia do aconselhamento filosófico como uma ciência útil e específica para a vida. Para isso, nada melhor que ter em mente as categorias a serem percebidas nos clientes para escolher o método do aconselhamento.

Dentro do espectro das metodologias de aconselhamento filosófico (A maiêutica, o método cartesiano, dialética hegeliana; Albert Ellis e a Rational Emotive Therapy; o Diálogo Socrático de Leonard Nelson; Logic Based Therapy de Elliot Cohen; o método PEACE de Lou Marinoff; o aconselhamento para casais de Annet Prins-Bakker; e o Método de Quatro Estágios, de Bruno Raabe) serão analisados os casos das experiências fundantes desses métodos para evidenciar os aspectos lógicos, emocionais, dedutivos, indutivos e intuitivos que fazem com que uma abordagem de certo método diante de certo cliente possa ter mais ou menos sucesso. Para isso, será observado uma espécie de consulta que Sócrates, Hegel, Albert Ellis e outros tenham realizado consigo mesmo e com outros e colhido o que no cliente permitiu que o método usado pudesse gerar uma filosofia que o orientasse para uma vida feliz. A partir dessas constatações, a conclusão buscará associar certo tipo de característica de um cliente com certo tipo de método mais eficaz para a produção filosófica diante dos problemas dele.

A maiêutica socrática

A abordagem de Sócrates diante de um cliente, chamado assim para fazer paralelo com um atendimento individual, tem características

peculiares. Quando trata de um assunto, pergunta-se o que o interlocutor entende pela definição do assunto. Esse primeiro passo simples já é revolucionário na medida em que as pessoas são acostumadas a tomar para si vários pensamentos que são do senso comum, apresentados de maneira corriqueira na criação da família, da conversa cotidiana, e são repetidos como premissas de silogismos que definem a maneira de viver. Então antes de tudo, para conversar com Sócrates, é necessário pisar no terreno gramatical, dos significados, da **linguagem**, no sentido do *trivium*, para conhecer o ser do termo. De onde vem o conhecimento que se tem sobre o que é a morte por exemplo? O pai ensinou? todo mundo diz? Qual é o fundamento de ter tomado a premissa como verdadeira? O afeto? A fé? O mais prazeroso? Tudo isso era possível até Sócrates só corroborar se a intuição de um argumento lógico tocar na mente e dizer para si: tem lógica. Interessante perceber que a lógica funcionou para uns e não para outros. Por quê?

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão do orador ser digno de fé. Pois acreditamos bem mais e depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas, sobretudo nas que não há conhecimento exato e que deixam margem para dúvida (ARISTÓTELES, Ret., I, 1356a).

Se podia e estava irado, e se podia e queria. A maior parte das vezes, no entanto, os indivíduos, quando podem, fazem o que lhes apetece, os frívolos por intemperança, as pessoas de bem porque desejam o que é honesto (ARISTÓTELES, Ret., II, 1392b).

Estes trechos de Aristóteles explicam melhor o que acontecia com a maneira de abordagem de Sócrates. Alguns dos seus ouvintes estavam propensos a serem convencidos pela lógica, enquanto outros acreditavam no que queriam, pois estavam com raiva de Sócrates e não se deixariam persuadir pela **lógica**. Certamente essas categorias da Arte Retórica, a arte da persuasão, não atuam de forma separada, mas sempre existe uma preponderância na força do argumento. Essas categorias da retórica aristotélica passaram então a compor esse jogo do convencimento de uma verdade, ou seja, instrumento fundamental para a abordagem de um cliente que precisa ouvir uma nova verdade.

O método cartesiano

Qual a novidade desse método? Quando uma pessoa aborda um cliente para ajudá-lo pensando na filosofia de Descartes, como será possível utilizar seu método? Observando o trecho a seguir do pensamento do francês, percebe-se algo além da lógica. O pensamento: Penso, logo existo não é de uma lógica formal, pois a existência é uma prova, não no sentido de demonstração, mas no sentido de degustação. Os sentidos de Descartes estavam provando (degustando) sua existência. Muito interessante é que isso é uma experiência, não uma

lógica. A verdade da sentença não está na formalidade do silogismo, mas na materialidade.

Porém, logo em seguida, percebi que, ao mesmo tempo que eu queria pensar que tudo era falso, fazia-se necessário que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, ao notar que esta verdade: eu penso, logo existo, era tão sólida e tão correta que as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de lhe causar abalo, julguei que podia considerá-la, sem escrúpulo algum, o primeiro princípio da filosofia que eu procurava. (DESCARTES, 2004, p.62)

Então desse método não será tirado o fundamento lógico ou a dúvida total, pois parece que já existia isso em filosofias anteriores, mas será considerado aqui a consulta do conselheiro Descartes com o aconselhado Descartes para descobrir que um descobriu a presença real do outro, pois estava presente. Descartes se convenceu da verdade pelos **sentidos e pela lógica**.

Quantas pessoas estão pressas dentro de um silogismo verdadeiro, porém com uma premissa onde a materialidade é falsa. Algumas sentenças, principalmente as particulares, sobre objetos concretos só podem ser acessíveis pela experiência real, pelo conhecimento pelo objeto tocando nos sentidos. Seria um efeito São Tomé, onde tudo faz sentido, mas eu não estive presente nessa experiência. Quantas vezes existe a insistência de uma retórica lógica diante de uma pessoa que provou, degustou o posto na vida mesma? Nesse caso não é a lógica somente que vai resolver, mas a utilização da realidade como pedra de toque.

A dialética hegeliana

A dialética Hegeliana, diferentemente da dialética tradicional de Platão e da medieval e escolástica, não visa apenas resolver conflitos de cunho conceitual entre dois opostos, mas acontece no plano do real, da história. É um conflito biográfico que faz surgir algo novo no mundo.

A inovação introduzida pela dialética hegeliana está na compreensão de que o conflito entre os opostos – tese e antítese – não é ideal, mas real, “tanto no plano de sua efetividade quanto no de sua racionalidade, pois o real e o racional se confundem” (MASCARO, 2002, p. 78).

De tal modo, a contradição não seria decorrente de um equívoco racional, mas de um princípio natural do ser, que o impulsiona, constantemente, a novos parâmetros de determinação, em que há a superação das contradições anteriores e o estabelecimento de níveis de determinação crescentemente concretos. Em outras palavras, a contradição, por não ser uma falha do sujeito que conhece, mas princípio constitutivo tanto do ser quanto do pensar, não estabelece uma barreira a ser superada, por uma melhor compreensão, entre o pensamento e a realidade, constituindo,

em realidade, a força que sustenta a vida sempre renovada nos distintos modos e momentos do ser. (FERREIRA, 2013, p. 177).

Nessa realidade, na compreensão de um cliente que possui uma situação biográfica real e concreta nas suas circunstâncias, suas questões passam a ser tratadas no contexto de muitas biografias que fazem parte de uma mesma realidade, ainda que aparentemente contraditórias. Aqui a dialética se faz com premissas mais complexas, as premissas são **vidas inteiras**, sistemas de ideias inteiros e períodos da história inteiros.

A Ret de Albert Ellis

O foco do aconselhamento de Ellis está na **visão que se tem das circunstâncias**. Nesse caso, a narrativa do aconselhado vai chamar a atenção do aconselhador para o fato de uma **visão muito distorcida da realidade** que está causando uma reação problemática.

O princípio fundamental está sustentado no pressuposto de que as circunstâncias não perturbam as pessoas, mas as pessoas perturbam-se pela sua visão das circunstâncias. Assume, em decorrência deste princípio, que pensamento, emoção e comportamento são interrelacionados, numa relação sistêmica e, devem ser trabalhados juntos, através do Sistema ABCDE, onde: A (acontecimento ativador), B (crenças irracionais), C (consequências emocionais e comportamentais), D (debate), E (nova filosofia). (VASCONCELLOS, 2010)

Quanto aos aspectos filosóficos de sua proposta, Ellis dizia ser possuidor de uma filosofia **racionalista**, dando grande valor para o uso da razão e a instrumentalizando como ferramental essencial na abordagem dos problemas. Sua função era confrontar os posicionamentos do aconselhado que fossem considerados como **irracionais** para conseguir persuadir o cliente a abandoná-lo. A partir de então, sua função seria proporcionar novas possibilidades de construções da verdade com fundamentos racionais.

O diálogo socrático de Leonard Nelson

Com Sócrates parece haver a fundação do aconselhamento filosófico com o intuito da orientação para a vida, naquelas suas andanças, onde indagava seus interlocutores sobre conceitos sobre os quais vidas inteiras eram construídas, ele se utilizava da linguagem para contradizer e parir verdades. Os princípios gerais dessa maiêutica socrática são aderidos em diferentes abordagens atuais de aconselhamento, como é o caso de Leonard Nelson, quando decide não utilizar a ferramenta Sócrates para contar a história dela ou falar de como ele fazia sua técnica, mas decide efetivamente fazer o processo sem ter até mesmo a necessidade de contá-lo. Não se fala de filosofia, nem se explica sua

técnica, mas se filosofa. Os passos socráticos mais comuns empregados por Nelson são:

- Fase 1: Escolha um tema/pergunta (por exemplo, a raiva);
 - Fase 2: Dê exemplos de experiência própria;
 - Fase 3: Que exemplo melhor combina com o tema?
 - Fase 4: Escreva o exemplo em detalhe;
 - Fase 5: Examine o princípio subjacente ao exemplo; e
 - Fase 6: Generalização da resposta (abstração regressiva).
- (NARDI, 2015, p.29)

Dentro desse contexto é um grande instrumento que o aconselhado fale, na vida dele, como aparecem os exemplos que envolvem a categoria que é problemática no momento, para através da dialética se revelar se é uma visão errônea sobre o conceito que se tem. Esse passo é bem característico do método socrático e é de grande utilidade para o entendimento de uma questão no aconselhamento. Assim fica patente a grande importância da busca das experiências reais por parte do aconselhado em sua própria vida, sendo marcantes nessa abordagem o trabalho de **anamnese**, de descrição dos fatos, o que exige uma certa capacidade e formação por parte do aconselhado. Caso contrário, o aconselhador deverá se preocupar em ensinar o aconselhado a falar mais sobre si e descrever as suas próprias experiências sem tentar reproduzir experiências socialmente conhecidas e parecidas com a sua.

Logic Based Therapy de Elliot Cohen

Elliot Cohen inicia sua teoria pegando carona nos fundamentos de Albert Ellis, porém percebe um erro nesses fundamentos. Não seria a visão que se tem do evento gerador do problema que gera o comportamento, mas um equívoco no raciocínio lógico, mais especificamente em erros nas premissas. Segundo Cohen (2015):

1. Os seres humanos deduzem logicamente os componentes cognitivo-comportamentais de suas emoções a partir de premissas.
2. Os seres humanos são inerentemente falíveis e as respectivas instalações de raciocínio comportamental e emocional tendem a conter falácias.
3. Comportamentos e problemas emocionais tendem a resultar de construções absolutistas e perfeccionistas da realidade.
4. Os seres humanos têm um poder inerente de vontade que pode ser usado para superar o raciocínio comportamental e emocional falacioso (COHEN, 2015, p.2).

Portanto, Cohen (2015) tenta corrigir isso transformando o processo em um argumento silogístico. Aqui é importante ressaltar que as premissas pensadas por Cohen têm suas componentes na percepção humana do próprio homem, ou seja, as premissas montadas por Cohen são fundamentos **ontológicos**.

O método peace de Lou Marinoff

O método de Marinoff sofre muitas críticas, principalmente no que diz respeito a sua figura, ou seja, sua ideia tem sido enfraquecida por posicionamentos seus, como especificava Aristóteles quando relacionava a força da lógica do convencimento com a ética de quem raciocina. Dito isso, o que é importante ressaltar para o resultado desse estudo é a dedicação e fixação nas emoções que compõem as experiências humanas e a capacidade do homem em educá-las, pois muitas vezes outras escolas, por as desprezarem para uma lógica geométrica, acabam também fazendo para a vida humana. A posição dela no método é a que ressalta o autor:

PEACE é um acrônimo que representa os cinco estágios: problema, emoção, análise, contemplação e equilíbrio. O acrônimo é apropriado, já que esses cinco passos são o caminho mais seguro para uma paz (peace em inglês) mental duradoura [...] Os primeiros dois passos expressam o seu problema, e a maioria das pessoas atravessa esses estágios naturalmente. Não precisam de ninguém para identificá-lo, embora, às vezes, seja um ponto a ser revisitado e aperfeiçoado. Sua **reação emocional** é imediata e clara — ninguém precisa aprender a sentir emoção —, se bem que isso também possa ser algo em que pensar. Os dois passos seguintes examinam progressivamente o problema, e embora muitas pessoas possam fazer isso por conta própria, seria proveitoso ter um parceiro ou guia para explorar o novo território. O terceiro passo leva-o para além da psicologia e da psiquiatria, e o quarto coloca-o diretamente na esfera filosófica. O último estágio incorpora à sua vida o que você aprendeu em cada um dos quatro passos iniciais, já que abordagens exclusivamente cerebrais não são práticas, a menos que você saiba como usá-las (MARINOFF, 2001, p. 31).

E depois de descrever o método e a forte atenção que se dá à emoção, ressalta-se ao cuidadoso, cuidado e despesa de tempo no campo afetivo:

[...] você deve avaliar cuidadosamente as **emoções** provocadas pelo problema. Trata-se de um registro interior. Deve experimentar emoções genuinamente e canalizá-las de modo construtivo. A psicologia e a psiquiatria praticamente nunca vão além deste estágio, e por isso seus benefícios são limitados. Prosseguindo com o exemplo acima, as suas emoções são, provavelmente, uma combinação de dor, raiva e tristeza, embora você vá ter um bocado de trabalho para chegar a essa conclusão. (MARINOFF, 2001, p.32).

Portanto, segundo Marinoff (2001), o método PEACE inclui uma atenção especial do aconselhador às emoções, para orientá-las de forma a se obter um processo construtivo indo além daquilo que propõe a própria psicologia e psiquiatria.

O aconselhamento para casais de Annet Prins-Bakker

Se na conversa sobre determinado tema, como propõe Sócrates, não ficar claro um aspecto irracional, onde poderia ser usado o método da terapia baseada na lógica, é possível utilizar aspectos do método do relacionamento dos Seis Estágios que consiste no atendimento de casais. Foi realizado pela primeira vez por Annet Prins-Bakker e consiste basicamente na escuta do problema, na conversa entre casal, individualmente, nas suas filosofias individuais, no estágio que cada um está e aborda o problema buscando integrá-lo em uma só filosofia do casal através da Dialética Hegeliana. Assim aborda o autor cada fase:

- 1) Estágio 1 – Tell Me (Diga-me): a aconselhadora se reúne separadamente com os casais e, empaticamente busca ouvi-los a respeito dos eventos ou fatos que originaram a desestabilização do relacionamento;
- 2) Estágio 2 – Who are you? (Quem é você?): é realizado um convite para que o aconselhado se apresente em sua dimensão pessoal, afastada da sua dimensão de casal;
- 3) Estágio 3 – What about your life? (Como está sua vida?): a autora convida o aconselhado a fazer uso de seus “óculos pessoais” e realiza questionamentos a respeito da filosofia de vida do aconselhado;
- 4) Estágio 4 – In Which Fase of your life are you now? (Em que fase da vida você se encontra?): o aconselhador convida o cliente a realizar um inventário de sua vida, produzindo, a partir da própria interpretação e criação do cliente, as várias fases que a compuseram;
- 5) Estágio 5: Questioning your Relationship (Questionando seu relacionamento): o aconselhador volta a tratar dos problemas que ocasionaram a crise no; e
- 6) Estágio 6: Should the Marriage be Continued? (O casamento deveria continuar?): a autora aponta uma proposta semelhante à dialética hegeliana. (NARDI, 2015, p.23-25)

Desse método é possível, obviamente dentro da realidade de casais para o qual foi pensado, utilizar a ferramenta da **integração da dialética hegeliana**. Mesmo se uma realidade parece irracional, ela pode ser integrada na tensão entre aparentes dualismos que podem fazer parte de uma realidade. Isso para casos onde uma ruptura na vida real, como o abandono de um emprego, poderia trazer um problema maior ainda, ou seja, **integrar o problema** seria uma boa tentativa.

O método de quatro estágios, de Bruno Raabe

O método de Raabe já é, de certa maneira, um facilitador para o que o estudo presente se propõe. Raabe ao abordar o cliente, inicialmente, tenta verificar o qual é o problema, mas ainda não em definitivo. Primeiro ele tenta classificar a questão realizando uma taxonomia do

problema. Ou seja, o problema pode ser uma questão prática que se deseja uma ação específica; pode ser um problema de orientação da pessoa do cliente num problema filosófico específico; pode ser um desejo de conhecimento filosófico geral, sem questão específica; e por fim, pode ser um problema com fim filosófico, aqui fugindo um pouco da pessoa, mas de um problema que precise de uma estratégia filosófica, se diferenciando do primeiro caso, onde o problema é tático e de curto prazo.

Esse método corresponde um pouco do que também pensava Marinoff ao escrever:

O aconselhamento filosófico é mais arte do que ciência e atua de uma única maneira com cada indivíduo. Assim como a terapia psicológica se manifesta de inúmeras formas diferentes, o aconselhamento filosófico tem, pelo menos, tantas permutações quanto o número de práticos existentes. Você pode trabalhar filosoficamente um problema sozinho ou com a ajuda de um parceiro não profissional. A grande questão é “Como?” Alguns conselheiros filosóficos — notadamente Gerd Achenbach — afirmam com razão que não existe método geral que possa ser explicado ou ensinado. Afinal, se não há um método geral de se fazer filosofia, como pode haver um para se fazer o aconselhamento filosófico? (MARINOFF, 2001, p.31)

Com isso é terminada a fase de observação e análise das categorias chave de aconselhamento dos principais representantes do Aconselhamento Filosófico. Agora existe a possibilidade de elencar essas variáveis e relacionar com cada tipo de cliente que manifestou preponderância em determinados aspectos no convencimento de si sobre as verdades filosóficas. Serão nesses aspectos do *pathos*, do *ethos*, do *logos*, do tipo de problema, da biografia, da linguagem e dos outros fatores observados que se construíra um arcabouço de ferramentas para a interação conselheiro/aconselhado.

Correlação das variáveis observadas

Enumerar as variáveis que possam definir em cada cliente a escolha do método certo de abordagem das questões filosóficas é um dos objetivos desse trabalho. O aconselhamento filosófico não trabalha com aspectos fisiológicos e bioquímicos. Um de seus principais instrumentos é a retórica realizada pelo aconselhador e dentro desse instrumento é importante notar que:

Dada a natureza heterônoma da retórica, sua tarefa não pode ser simplesmente explorar argumentos cujas estruturas lógicas são tão sólidas. Mas deve criar complexos juízos lógicos, éticos e emocionais os quais podem ser efetivos diante um determinado público. (KASTELY, 2004, p. 224)

Certamente é possível diferenciar um tipo de público no que se refere ao tipo de dado que essa pessoa tende a receber com suavidade,

como verdade, como realidade curativa, uma vez que pegar um camponês e falar-lhe sobre os dados e métodos científicos não pode supor nada, mas falar sobre uma verdade dos seus antepassados tenha uma força retórica enorme.

Dentro desse aspecto, observa-se que:

- A maiêutica socrática prima pelos conceitos, pela origem de suas concepções e pela confiança na capacidade lógica de chegar à verdade;
- O método cartesiano explora a materialidade da construção lógica, ou seja, mostra a importância da prova, no sentido da degustação da própria existência.
- A dialética hegeliana carrega um tesouro diante da pessoa que possui um problema concreto que não pode ser abandonado e que gera grande problema na orientação da vida. A única solução é integrá-lo dentro da realidade desse tipo de pessoa. Nem sempre todos podem não encontrar mais seu chefe, então deve haver uma maneira desse encontro ser saudável;
- A Rational Emotive Therapy de Albert Ellis é muito interessante diante de um cliente que tem uma visão distorcida de sua realidade, das circunstâncias que o circundam, ou seja, aqui deve existir a percepção que a vida diária dessa pessoa é mais importante que as ideias de um mundo distorcido que agora ela fala;
- O Diálogo Socrático de Leonard Nelson carrega a particularidade de saber ouvir muito bem uma pessoa que sabe fazer uma boa anamnese ou mesmo perceber que a chave de um pequeno olhar irracional sobre um problema está em fazê-lo falar sobre o assunto;
- A Logic Based Therapy de Elliot Cohen traz uma espécie de junção da percepção que a pessoa tem de sua própria realidade com a sua experiência real com uma realidade e que gerou o nascimento de uma premissa falsa.
- O método PEACE de Lou Marinoff vem à tona diante de fortes indícios de fortes emoções. Esse campo é nebuloso e nada fácil de trabalhar sem uma dedicação muito séria aos processos emocionais, além de um domínio de saber nomear corretamente o que se está sentindo. Existe gente que confunde raiva com fome. Isso é grave e pode ficar mais grave se alguém que for ajudá-la não perceber, pois deveria apenas lhe indicar um sanduíche com um café.
- O aconselhamento para casais de Annet Prins-Bakker é mais específico. Portanto diante de um casal ele sempre poderá ser pensado com um grande potencial de auxílio;
- O Método de Quatro Estágios, de Bruno Raabe se parece efetivamente com o que se pretende fazer nesse trabalho: elencar essas variáveis e relacionar com cada tipo de cliente que manifestou preponderância em determinados aspectos no convencimento de si sobre as verdades

filosóficas e orientá-lo. Para isso é necessário realmente uma séria fase de análise e uma séria preparação para o diagnóstico da abordagem através da experiência dos diversos métodos diante dos diversos tipos de aconselhados.

Conclusão

Conhecer os empregos reais dos métodos abordados é de grande utilidade para ir se localizando diante de tais e quais problemas e tipos de aconselhados se está. Certamente alguns casos são mais categóricos, como o aconselhamento para casais de Prins-Bakker, afinal, é para casais. Porém a maioria dos casos será decidido pelo encontro da personalidade do aconselhador com a do aconselhado, parafraseando o que seria o sucesso da psicologia clínica para Viktor E. Frankl. É dessa interação que saíra a verdadeira orientação de uma pessoa para a verdade e para a felicidade. Analisar bem o discurso do aconselhado, suas características mais lógicas, mais emocionais e os principais fundamentos de suas decisões e angústias. Dominar os princípios do silogismo e das falácias formais e materiais, além de uma experiência de vida que permita ter a prova, degustação da materialidade das premissas.

- Ter filho é um fardo.
- Você tem filho?
- Não.
- Eu tenho.
- E tenho a impressão que uma fonte inesgotável de aventura e amor.

Só a lógica resolve? E o caso concreto? Nesses casos dominar as escolas que levam a sério as emoções, sem desprezá-las, mas integrando na realidade da vida, será o melhor campo de batalha. Caso contrário se cairia nas brincadeiras de alguns psicólogos: psicólogos e psicanalistas freudianos curam pacientes freudianos. Mas e o paciente que não quer saber do seu passado? Quer saber qual é o sentido da vida para pacificar sua angústia diária de vazio existencial?

Para essa tentativa ambiciosa de aconselhar o homem, deve-se conhecer o homem que carrega todos os homens dentro de cada um, afinal, cada homem contém todas as possibilidades de homem. Conhecer as experiências fundantes dentro do contexto de cada fundador com seus tipos específicos de aconselhados é uma fonte riquíssima para todo aquele que se propõe a divina tarefa de orientar para a vida feliz.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**, Trad. de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, e Abel do Nascimento Pena, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005 (Biblioteca de Autores Clássicos).

COHEN, E. D. **The metaphysics of logic-based therapy**. Disponível em: <[http:// npcassoc.org/docs/ijpp/metaphysics_of_LBT10V3N1.pdf](http://npcassoc.org/docs/ijpp/metaphysics_of_LBT10V3N1.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2019.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

FERREIRA, F. G. **A Dialética Hegeliana**: uma tentativa de compreensão. Rev. Estudos Legislativos, Porto Alegre, ano 7, n. 7, p. 167-184, 2013. Disponível em: <[http:// www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas55/15_ Azevedo.pdf](http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas55/15_Azevedo.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2019.

KASTLEY, J. L. **Rhetoric and Emotion**. In A Companion to Rhetoric and Rhetorical Criticism, Unit States of America: Blackwell Publishing Ltda, 2004.

MARINOFF, L. **Mais Platão menos prozac**. São Paulo: Editora Record, 2001. Disponível em: <[https:// fernandonogueiracosta.files.wordpress.com/2011/03/mais-platao-menosprozac.pdf](https://fernandonogueiracosta.files.wordpress.com/2011/03/mais-platao-menosprozac.pdf)>. Acesso em: 19 ago. 2019.

NARDI, E. R. **Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Aconselhamento**. Centro Universitário Claretiano, Batatais-SP, 2015.

MASCARO, A. L. **Introdução à Filosofia do Direito – Dos Modernos aos Contemporâneos**. São Paulo: Atlas, 2002.

RAABE, P. B. **Philosophy of philosophical counselling**. Canadá: University of British Columbia, 1999. (Tese de Doutorado). Disponível em: <[http:// my-psychology.co.uk/ images/Philosophy%20 of%20P%20Counselling%20by.pdf](http://my-psychology.co.uk/images/Philosophy%20of%20P%20Counselling%20by.pdf)>. Acesso em: 29 set. 2019; e

VASCONCELLOS, J.L.C. **A Terapia Racional Emotiva Comportamental de Albert Ellis**. Artigo postado no site redepsi, 2010. Disponível em: <[http:// www.redepsi.com.br/2010/02/12/a-terapia-racional-emotiva-comportamental-de-albert-ellis/](http://www.redepsi.com.br/2010/02/12/a-terapia-racional-emotiva-comportamental-de-albert-ellis/)> Acesso em 30 se. 2019.

Recebido: outubro de 2020
Aprovado: janeiro de 2021